

## A MOBILIDADE ESTUDANTIL COMO FORMA DE INTERNACIONALIZAÇÃO: O PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS NA UFPEL

**JOSÉ ANTONIO BICCA RIBEIRO<sup>1</sup>; SÍLVIA BARRETO SOARES<sup>2</sup>; BEATRIZ  
MARIA BOÉSSIO ATRIB ZANCHET<sup>3</sup>**

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – zeantonio\_bicca@hotmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – silvia.barreto.soares@gmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – biazanchet@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

A Universidade, espaço por excelência, da produção e difusão do conhecimento, por muito tempo, manteve certo grau de independência frente às interferências políticas e de outras instituições educacionais, sobretudo, de outros países. É possível perceber uma forte influência internacional desde as origens das primeiras universidades, como Bolonha e Paris, no século XIII, mediante a presença de professores das mais variadas partes do mundo, com o objetivo de realizar as primeiras atividades de ensino e pesquisa nestas instituições (KNIGHT, 2004).

Com o conjunto de mudanças nas diferentes dimensões sociais, a partir do avanço das tecnologias de comunicação e transporte estreitaram-se, as relações entre os países sob diversos planos, econômico, político e cultural, consolidando relações transnacionais de mercado, capital ou conhecimento, enquanto elementos do processo de internacionalização.

A internacionalização do ensino superior evoluiu com o passar dos anos, como já mencionado e passou-se de uma lógica assistencialista, a partir da atuação de professores advindos de inúmeros locais, para uma lógica de competição em busca da reputação internacional das instituições, a partir de grandes acordos firmados para o desenvolvimento de políticas públicas de atenção às demandas do mercado (ALTBACH, 2001; TEICHLER, 2004).

A mobilidade tanto de alunos como docentes, é algo que tem aumentado nos últimos anos, e há uma expansão do número de cursos e programas com foco na qualificação via temas internacionais (BARTELL, 2003). Percebe-se desta forma, tal movimento de internacionalização como “o processo que integra uma dimensão global, intercultural e internacional nos objetivos, funções e oferta da educação pós-secundária” (KNIGHT, 2004, p. 28).

Atualmente, o contexto e a concepção de internacionalização que se tem é diferente daqueles defendidos nos primórdios de fundação das universidades, e o que antes eram meras atividades de ensino ou pesquisa estanques, hoje, se transformou em uma rede de relações fortemente construída, que contemplam desde mobilidade de professores e estudantes, até um contexto de parcerias com organismos internacionais ou desenvolvimento de políticas públicas educacionais e econômicas de sustentação.

Desse modo, o presente trabalho tem como objetivo analisar o processo de mobilidade estudantil via Programa Ciência sem Fronteiras (PCsF), buscando compreender os elementos que compõem a participação dos estudantes nos programas de mobilidade, e a organização da Universidade para atender às demandas do processo de internacionalização.

### 2. METODOLOGIA

O estudo aqui apresentado situa-se no campo da pesquisa educacional e tem como pressuposto fundamental a compreensão do processo de internacionalização dentro da Universidade Federal de Pelotas, considerando especificamente os programas de mobilidade estudantil. Os dados apresentados são apenas um recorte de pesquisa, sendo que a totalidade dos dados constituirá uma tese de doutorado, e neste trabalho são apresentados, apenas os dados relativos ao PCsF.

A presente pesquisa é caracterizada como qualitativa (GIL, 2011), e classifica-se como descriptiva, explicativa e exploratória, uma vez que se dedica a explorar um campo de conhecimento que ainda carece de um olhar mais aprofundado, devido a escassez de estudos relacionados, procura descrever detalhadamente tal campo, com todas as suas particularidades e especificidades, e visa ainda, explicar os fenômenos que acontecem neste contexto da pesquisa.

Para a coleta dos dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com três coordenadores institucionais, sendo eles: a) uma coordenadora institucional (coordenadora A), vinculada à Coordenadoria de Relações Internacionais (CRIInter)<sup>1</sup>, com o objetivo de verificar o número de alunos contemplados, critérios de seleção para a participação, bem como, quais ações e estratégias a Universidade vem desenvolvendo no que tange o programa; b) dois coordenadores dos cursos que mais têm alunos contemplados pelo programa, buscando conhecer as interfaces que compõem a participação dos alunos e como os cursos se preparam para este processo de mobilidade estudantil (coordenadores B e C).

As entrevistas foram realizadas entre o segundo semestre de 2014, sendo gravadas e posteriormente transcritas para a análise. Os dados foram analisados segundo a metodologia de análise de conteúdo proposta por Bardin (1977), a partir das fases execução – pré-análise, exploração do material e inferências.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das entrevistas realizadas, foi possível perceber o quanto tem crescido a mobilidade estudantil, via PCsF na Universidade e existem movimentos institucionais sendo desenvolvidos para atender às demandas. Uma das ações, foi a criação da CRIInter em 2012, buscando organizar todos os programas de mobilidade estudantil e também as relações internacionais, desenvolvidas pela Universidade com outras instituições. A UFPel avança ao ter unidades que pensam no desenvolvimento dos seus acadêmicos através dos programas de mobilidade, pois, segundo a coordenadora A, “*a perspectiva que é a que nós buscamos, é de crescimento individual e coletivo dessas pessoas*”, o que proporciona um maior desenvolvimento profissional dos envolvidos ao conhecer outros países e culturas, se apropriando de novas formas de conhecimento e trabalho.

Com relação à saída dos alunos, nos foi relatado que a grande maioria busca os países do hemisfério norte, com destaque principal para EUA e Canadá, como é possível perceber na fala da coordenadora A: “*Então ele vai para os Estados Unidos e Canadá, são os que lideram, aí, depois na ordem vem Reino Unido e aí, pulveriza entre Alemanha, França, Espanha, Portugal saiu também, porque no começo do 'Ciência sem fronteiras' os alunos iam muito para Portugal*”.

Segundo uma das coordenadoras, “*a vontade dessas pessoas de ir buscar um tempo fora do Brasil para ver como é que é o ensino lá, como é que são as condições, como é a vida, como são as pessoas lá fora (coordenadora A)*”, são motivações para a procura pelo programa. É possível identificar ainda um grande

---

<sup>1</sup>Órgão responsável pela organização e supervisão de todas as ações relacionadas à mobilidade acadêmica e estratégias de internacionalização na Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

trabalho de sistematização da saída de estudantes pela CRInter, uma vez que os alunos são acompanhados antes, durante e após a sua saída, mediante a realização de reuniões periódicas para organização da documentação, disciplinas a serem cursadas, conhecimento da cultura a qual ficarão inseridos, conhecimento dos relatórios a serem entregues e das avaliações realizadas pelos dos tutores<sup>2</sup> que os supervisionam. Essas normativas organizacionais, além de auxiliar no acompanhamento destes alunos, são uma forma de envolver os professores das unidades no processo.

Analizando a fala dos coordenadores dos cursos que mais tem alunos contemplados com o PCsF, é possível perceber várias aproximações e algumas divergências entre elas, principalmente no que diz respeito à organização do programa dentro das unidades, os desafios enfrentados, e as ações e estratégias desenvolvidas.

É possível perceber que o PCsF se configura como uma importante ferramenta para a mobilidade estudantil, pois além de ter inúmeros alunos contemplados, cada vez mais editais têm sido abertos facilitando o trânsito internacional acadêmico. Dentro da UFPel, em ambos os cursos pesquisados, foi possível perceber uma facilidade para conseguir sair do país através do programa, como aparece na fala de um dos coordenadores *“aqui dentro é assim, eles fazem essa solicitação, e existe sim uma comissão que avalia, mas de qualquer forma não tem mais procura do que bolsa na verdade (Coordenador C)”*.

Quanto à organização dos cursos para o atendimento das demandas do PCsF, surgiram diferenças nas falas dos coordenadores, uma vez que um mencionou total apoio da CRInter durante todo o processo de seleção e posterior acompanhamento dos alunos. Já o outro, mencionou que a iniciativa maior deve partir dos alunos e também dos professores da unidade, que se incumbem de orientar os acadêmicos quanto a escolha do país, Universidade e disciplinas a serem cursadas, e que a coordenadoria responsável por isso não tem conseguido auxiliar tanto neste processo. Tal fato pode ocorrer pela CRInter ter pouco tempo de funcionamento, e pela demanda estar sendo maior do que o planejado.

No que diz respeito aos desafios enfrentados pelas coordenações de ambos os cursos, é possível identificar um déficit na divulgação dos editais e convênios abertos, pois muitas vezes os editais não são vistos pelos alunos, prejudicando sua saída para o exterior. Apesar disso, ambas coordenações identificaram que existem meios de divulgação específicos para a divulgação, entretanto, mencionam que ainda são insuficientes para atender às demandas.

Ambos coordenadores, atribuem uma importante contribuição da vivência internacional na formação profissional dos acadêmicos, como pode ser percebido na fala do coordenador B: *“Nós incentivamos a sair, acho que é uma oportunidade bárbara para que eles possam conhecer outras realidades e comparar os cursos em que eles estão inseridos”*. Além disso, apontam que a pós-graduação, consolidada em ambos os cursos, atua como um impulsionador do processo, através dos professores que já saíram para outros países durante seus doutorados.

Os dois principais desafios que emergiram em ambas as falas dos coordenadores, dizem respeito à assimilação de uma língua diferente para se realizar a vivência internacional, e a organização curricular dos acadêmicos que viajam para o exterior. Com relação a língua, um dos coordenadores mencionou que acaba sendo um dos principais critérios para escolha das universidades pelos

---

<sup>2</sup>Professores tutores – professores de cada unidade que auxiliam no processo de escolha das disciplinas, acompanhamento durante o tempo de mobilidade (chegada no país de acolhida) e no seu retorno curso.

acadêmicos, pois estes buscam algum país em que tenham maior afinidade com o idioma: “*sai quem sabe alguma língua ou um ou outro que vai para Portugal ou Espanha que consegue, mas a maior parte do pessoal que pede pra sair é porque domina uma língua ou em inglês ou alemão ou francês (coordenador B)*”. Desse modo, alguns países não são priorizados pela dificuldade que alguns alunos têm em dominar outro idioma, e aqueles que já dominam alguma língua, saem na frente dos demais para a participação no programa.

Quanto a organização curricular, apesar das disciplinas serem selecionadas previamente com os tutores, os coordenadores mencionam que ainda existem problemas quanto ao aproveitamento das mesmas aqui nos cursos, representando muitas vezes, um atraso na formação dos acadêmicos, assim como expõe o coordenador C: “*na verdade eles saem, acham que vai dar para aproveitar tudo, e na verdade o que acontece é que a maioria das vezes é que eles fazem a mais do que precisam na nossa grade*”. E, existem ainda problemas na seleção destas disciplinas, visto que em alguns momentos, segundo estes gestores, os acadêmicos não conseguem realizar as disciplinas planejadas devido a problemas na Universidade que os acolhe, como por exemplo, a restrição de disciplinas à estrangeiros. O coordenador B, sinaliza que este é *um outro problema – eles não conseguem aproveitar as cadeiras feitas lá porque, disponibilizam as cadeiras que ninguém quer fazer ou são as piores cadeiras que tem*”. Desse modo, evidenciando que desafios ainda precisam ser superados nesse processo, apesar dos avanços conseguidos durante estes anos.

#### 4. CONCLUSÕES

Como tratam-se de dados preliminares, ainda são necessários maiores estudos para inferências mais aprofundadas. Entretanto, apesar das divergências encontradas nas falas dos entrevistados, é possível perceber que a UFPel tem se organizado para atender as demandas do processo de internacionalização através da mobilidade estudantil, e que o PCsF pode se constituir como uma importante ferramenta de formação neste processo. Espera-se que os desafios encontrados sirvam de base para a construção de novas estratégias e ações para o atendimento aos estudantes que decidem participar, contribuindo positivamente para a formação dos mesmos.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTBACH, P. G. Globalization and the university: myths and realities in unequal world. **Tertiary Education and Management**. Kluwer Academic Publishers, v. 10, p. 3-25, 2004.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARTELL, M. Internationalization of universities: A university culture-based framework. **Higher Education**. Manitoba, Winnipeg, p. 37-52, 2003.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6<sup>a</sup> Ed. – 4<sup>a</sup> reimpr. – São Paulo: Atlas, 2011.

KNIGHT, J. Internationalization remodeled: definition, approaches, and rationales. **Journal of Studies in International Education**. Sage Publications, v.8, n.1, Spring, p. 5-32, 2004.

TEICHLER, U. The changing debate on internationalisation of higher education. **Higher Education**, Kluwer Academic Publishers, v. 48, p. 5-26, 2004.